



USOS MEXICANOS.

A PROVINCIA de Oaxaca sempre foi a mais rica do Mexico, não pelas minas, mas pelas produções do terreno, que valem muito mais. Só as exportações da cochonilha, segundo a estadística de Carlos Maria Bustamante, calculada de 1757 a 1820, produziram, anno ordinario, 1:523 000 piastras, quantia enorme, que pela maior parte passou ás mãos dos indios cultivadores do cacto cochonilheiro. Estes, cujas precisões são bem pouco dispendiosas, não sabendo que façam de tanto dinheiro, o enterram n'uma e n'outra parte, no campo ou debaixo das penhas dos outeiros. D'este modo a avareza restitue á terra o que lhe roubara. Só os proprietarios conhecem os escondrijos, e a ninguem os descobrem; morrem sem dizer nada aos filhos, nem estes se dão ao cuidado de indagar isso. Se por acaso algum indio acha um d'aquelles thesouros, fica amedrontado, torna a tapar escrupulosamente o deposito sem tocar n'um ceutil, persuadido de que morreria n'esse anno se fizesse o minimo latrocínio aos manes de quem enterrou seu dinheiro. — Todavia ha indios ricos que, sem alterarem na mais leve cousa os seus costumes e modo de viver, sacrificam ao luxo e á vaidade, e gastam avultadas quantias no tractamento de suas casas. Jantei ás vezes á mesa de muitos d'esses naturaes mexicanos, onde vi baixella de prata e outros moveis preciosos: tinham generosos vinhos de Malaga, de Xerez, e tambem de Bordéus, com que regalavam á larga os seus hospedes; e as cobertas eram atulhadas de iguarias na maior abundancia e mui bem preparadas ao gosto da terra. Porém nunca el-

VOL I. — NOVEMBRO 28, 1846.

les comiam comnosco europeus; recolhiam-se com a familia á cosinha, e alli, assentados n'uma esteira, tomavam a sua frugal refeição e bebiam agua pura. Bella lição de temperança dada pelo homem semi-civilisado aos filhos das nações policiaadas.

Afora aquellas despesas de fausto, ha outras circumstancias que concorrem para diminuir, de tempos a esta parte, a copia de thesouros escondidos; fallo dos gastos que em cada uma aldeia fazem os *alcaldes* e os mordomos fabriqueiros das igrejas quando são eleitos: n'estas festanças banqueteam todos os moradores do seu logar, pagam á propria custa a festa d'igreja, a musica, o fogo de vistas, &c. &c., e enfeitam as imagens dos sanctos com adereces, habitos e mantos novos, communmente de muito preço e esplendidos.

Posto que o valor da exportação da cochonilha tenha baixado metade e mais, a provincia de Oaxaca sempre continua rica; apenas a capital é mui pobre: os indios tiram algum lucro do amanho dos cactos proprios d'aquella droga; porém os negociantes arruinam-se, e o commercio vai de dia para dia de mal a peor. Quando os rebellados entraram em 1812 na cidade de Oaxaca, os escriptorios dos hespanhoes e creoulos trasbordavam de ouro e prata; arrebataram-se essas riquezas ás carradas; mas já lá vai o tempo de tamanha prosperidade, e se tem de voltar não será tão cedo; te-lo-ha no entanto Oaxaca para chegar ao fundo do abysmo para onde a miseria a impelle.

O traje das mulheres naturaes da terra tem sua

especialidade; é um *enrollado*, nome hespanhol, de um corte de panno, posto á roda do corpo desde a cinta até os joelhos, tecido de lã preta raiada de vermelho; e um *huepil*, pedaço de panno, com abertura no meio para passar a cabeça, que cobre as costas e o peito, e é de estofado d'algodão branco tramado com fio de côr: usam tambem uma especie de meio chale, com que cobrem a nuca e os hombros, e além d'isso trazem, como tambem os homens, um lenço encarnado, de seda ou de algodão, amarrado na cabeça, e sandalhas nos pés enfeitadas de labores. Com o nariz de bico de papagaio, queixo revirado, e côr de cobre, raras d'estas mulheres são bonitas; nota-se-lhes comtudo na physionomia um toque de astucia, pouquissimo vulgar nas outras indias.

A côr geral dos naturaes é cobreada; n'alguns cantões do Mexico tira para encarniçada, e n'outros para azul escura. Ha muitos individuos que tem na pelle nodos de diversas côres; porém esta particularidade não é natural; deriva de uma lepra que vicia a massa do sangue; incuravel para os que a trouxeram do ventre materno, e nos quaes se tornou organica, communica-se pelo contacto. O numero d'estes enfermos, que os hespanhoes chamam *pintos*, é muito grande em Tehuantepec, nas costas de Tabasco e na de Acapulco: habitam de involta com os outros indios, sem que estes tenham pensado em os afastar da sua communidade e evitar um commercio fatal. Demais, apesar dos incommodos inherentes á sua doença, aquelles gafos vivem tanto como os sãos, e podem dedicar-se aos mesmos trabalhos. E' uma enfermidade analogá á dos albinos ou pretos brancos.

Tehuantepec, de que acabo de fallar, é uma cidade de 14 000 almas, creoulos e indios, situada a 70 leguas de Oaxaca. Cortez, nas suas cartas a Carlos 5.^o, e todos os geographos antigos a designam como porto de mar; mas pelo retrahimento gradual das aguas do oceano Pacifico jaz ao presente a mais de quatro leguas da praia. A industria principal dos habitantes consiste na cultura da planta do anil e na preparação da droga d'esta formosa tincta; este trafico excede alli ao da cochonilha. As colheitas que, ha trinta annos, davam proximamente 35 000 libras de anil, anno ordinario, ainda hoje regulam pelo mesmo, e até ás vezes excedem aquelle algarismo. O anil mais fino é feito da flôr da planta, e só em Guatemala se fabricam alguns quintaes d'elle.

O murice, concha que dá a côr purpurina, tão famosa na antiguidade que esgotou os bancos d'este marisco nas praias de Chypre, acha-se em toda a costa occidental desde Guayaquil até Acapulco: colhe-se principalmente nas lagoas de Tehuantepec, onde existe em grande quantidade. As mulheres trazem tiras de panno, ou maços d'algodão fiado, repartido em negalhos, e á proporção que arrancam o marisco da pedra espremem com os dedos o animal sobre o panno que pretendem tingir; extrahem assim um liquido esbranquiçado que seccando se faz escarlata. Esta côr é indelevel, e até adquire lustro depois de lavada a miudo: nem todos os tecidos a tomam bem, assenta melhor na lã e algodão do que na seda. As mulheres de Tehuantepec, de Chihuitan e dos arredores fazem grande estimação d'ella para as guarnições das saias; e pagam muito caro este enfeito, se não vão pessoalmente tingir os seus vestidos.

As habitantes de Tehuantepec usam de um vestuario especial, que sem contradicção é dos mais elegantes da America, sem exceptuar o trajo das *senoritas* de Lima, o qual me parece mais extravagante que original, mais ridiculo que engraçado, apesar de todo o artificio que poem em pratica para o aformosearem. — As mulheres de Tehuantepec vestem

uma saia de cassa ou de gaze, guarnecida de grandes folhos, e mesmo de franja de ouro, preza acima dos quadris por uma banda de seda: depois assenta o *huepil* de mangas curtas, cerrado sobre os rins, e ageitado em ondas fluctuantes sobre os peitos; é de cassa bordada ou de tecido liso e de côr; mas trazem outro, sempre de cassa branca, sobre a cabeça, de sorte que a guarnição que circula o pescoço serve como de moldura ao rosto, e as duas mangas pendem para diante até a cintura, e para traz até o meio das costas; o complexo d'este vestuario, perfeitamente proprio para realçar os attractivos de uma senhora juvenil, conserva ás mil maravilhas as fórmas corporeas, e ao mesmo tempo é rico e gracioso. A primeira vez que eu vi damas de Tehuantepec com este trajo pareceram-me extremamente agradaveis: além d'isso, no olhar e nos modos tem um mimo que muito bem casa com a graça dos seus adornos. — O viajante que chega áquella cidade em dia festivo, e que vê as jovens ataviadas com tanta elegancia, pasma attrahido do espectáculo, como ficaria achando formosa e fresca verdura no meio dos aridos areiaes da Lybia; acaba de discorrer por um territorio onde os habitantes, raros, são de fealdade e sordidez repugnantes, e o contraste lhe causa todo o prazer de uma inesperada e bella mutação de scena.

O FEITOR DE CANTÃO.

Novella.

(Continuado de pagina 91.)

Na mesma noite do dia da prisão de Walter Effendon encerrou-se este com You-hi no quarto mais retirado da casa do feitor americano. O hanista, sentado n'uma cadeira de bambú, parecia assustado, e olhava amiudo para a porta como quem receiava ser apanhado n'esta conferencia. Effendon passeava inquieto com uns papeis na mão. Saíra solto havia poucas horas, e mandára logo chamar o negociante china, a quem havia revelado tudo.

Grande foi a admiração de You-hi quando soube do disfarce de Maria, que elle sempre cuidára ser filho do feitor; mas quando Effendon chegou a contar-lhe o inaudito encontro que tivera de manhã, o pasmo se lhe converteu em incredulidade. Comtudo o americano sustentou o que affirmára. Eram de Maria aquelles dois gritos que ainda o faziam estremecer: eram de Maria as feições que tinha entrevisto. Não estava morta a sua filha, mas em poder d'um roubador que elle queria descobrir a todo o custo. Acabava por tanto de fazer um requerimento ao governador ou vice rei de Cantão, expondo concisamente os factos, e pedindo que procurassem e lhe restituissem Maria.

— “Se não promettes algum premio, advertiu You-hi, o governador não dá um passo.”

— “Tens razão, disse o feitor; vou acrescentar que pagarei pelas buscas quanto elle exigir...”

— “Não escrevas isso, atalhou o hanista; pediamte quanto tens. Offerece uma quantia redonda... Mil liangs talvez (1).”

— “Vá! Disse Effendon, correndo para uma mesa, afim de addicionar a promessa á sua petição. Mas como hei de fazer entregar este requerimento em mão propria ao vice rei?”

— “Não tens senão um meio, disse You-hi, e ainda que é contrario ás leis...”

(1) Mil liangs andam por um conto e cento e quarenta e tantos mil réis.

— Tens razão, interrompeu o americano, levantando-se; corro á porta chinesa.

— «Mas peço-te encarecidamente, replicou You-hi abaixando a voz, que não digas que fui eu que te dei este conselho. Se desconfiassem que nos entendemos, ficava eu perdido.»

Effendon socegou o hanista promettendo-lhe a maior discrição, e apartou-se d'elle para ir n'um pulo ás feitorias afim de reunir os seus amigos.

E bem o precisava para que surtisse effeito o meio porque elle queria que o requerimento fosse entregue. Tendo mostrado a experiencia que as petições entregues por estrangeiros aos mandarins nunca chegavam ás mãos do vice rei, alguns pretendentes mais destemidos haviam inventado um methodo, estranho porém certo, de as fazer chegar ao seu destino. Juntavam para este fim umas trinta ou quarenta pessoas, dispersavam á paulada a guarda da porta, e entravam de rondão na cidade china, com grande alarido, furando os lampiões de papel dos logistas. Estes, assaltados de terror panico, deitavam logo a fugir; os guardas das ruas fechavam as barreiras, e os decurioses (1) corriam em busca d'um mandarim que vinha informar-se da causa da subita irrupção. Então os requerentes abaixavam os bordões, apresentavam a petição, e retiravam-se com a certeza de que o vice rei, inteirado do motim, havia de querer vêr o requerimento que o causara.

O resultado da empresa d'Effendon excedeu as suas esperanças, porque, no auge do tumulto, acertou de passar por alli a liteira do vice rei. Effendon entregou-lhe o requerimento.

Passaram dois dias sem chegar a resposta, e Effendon já se estava preparando para repetir a supplica fazendo outra invasão, quando lhe entregaram um papel fechado com sinete do mandarim de primeira ordem. Abriu, a tremer, e leu o seguinte:

«Eu, King-fo, munido do diploma de *tsin-sse* (2), condecorado successivamente com os dois botões azues, e com o botão de coral, e hoje com o botão de pedras preciosas (3), e recommendado nove vezes no registro dos *ping-pou* (4); governador da provincia de Cantão em nome do filho do céu, o grande e soberano imperador.

«Ao chefe barbaro da feitoria americana.

«Lemos o memorial que tu nos dirigiste, supplicando, e ao lê-lo reconhecemos a verdade do prologo do sabio, quando disse que os corações dos ho-

(1) Ha nas ruas, de certa em certa distancia, portas ou cancellos, guardados por soldados, as quaes se fecham assim que principia algum tumulto. De dez em dez casas ha um *decurião*, que é um chefe de familia, responsavel pela manutenção do socego em parte da rua. O serviço dos decurioses corre, por escala, todos os cidadãos.

(2) Ha na China dois graus litterarios: o *Kin-jin* (homem recommendado) e o de *tsin-sse* (doutor adiantado em grau.)

(3) Todos os empregados do governo china, a que os chinas chamam *kouan* e os europeus mandarins, estão divididos em nove ordens ou classes, subdividida cada uma d'ellas em principal e secundaria. A divisa da 1.^a classe, a que apenas pertencem mui raros personagens dos mais eminentes do imperio, é um botão de pedras preciosas que trazem no gorro; a da 2.^a classe um botão vermelho ou de coral, do feitio d'uma flor; a da 3.^a um botão de pedra azul ferrete; a da 4.^a azul claro; a da 5.^a de cristal branco etc.

(4) O *ping-pou* é o tribunal ou ministerio da guerra. Os governadores das provincias são ex-officio presidentes d'este ministerio. Os mandarins militares são reputados inferiores aos mandarins civis da mesma classe, recebem pequenos soldos e estão sujeitos á inspecção d'aquelles. Os chinas presam e premeiam mais o talento litterario e o de bem governar do que o de destruir.

mens eram tão varios como os terrenos do celeste imperio. Porque, do mesmo modo que vemos rochedos estereis, e terras nocivas que não produzem senão plantas envenenadas, ha corações d'onde não póde sair cousa boa; taes são os dos barbaros estrangeiros.

«Tu desobedeceste ás ordens do soberano imperador, e agora queixas-te de te roubarem tua filha, que em tua casa conservavas escondida; porém sabe que o homem prudente não crê na palavra do quebrantador das leis.

«E quanto ás mil liangs em que fallas, é nossa vontade contentarmo-nos com ellas por esta vez, posto seja multa insufficiente para a falta que commetteste em não te sujeitares á vontade do filho do céu.

«Seja isto uma lei a teus olhos»

Não tentaremos exprimir a dôr e indignação d'Effendon quando acabou de ler esta carta repassada d'odio aos estrangeiros, d'injustiça, de hypocrisia, e de cubiça. No primeiro impeto lembrou-se de junctar as companhias de todos os navios americanos que estavam no rio, arma-las, e ir á sua frente pedir justiça ao vice rei. A reflexão abriu-lhe os olhos; fazia uma loucura. Correu a casa de You-hi, mostrou-lhe a resposta que acabava de receber, e pediu-lhe conselho. O hanista deu-lhe de parecer que requeresse de novo; e elle proprio, enternecido pelas supplicas do feitor e pela offerta de quinhentas liangs, prometeu dar passos n'este negocio. Mas a segunda tentativa não foi mais bem succedida que a primeira. De nada valeu a Effendon o apoio dos agentes das outras feitorias, nem a influencia do *kong-han*: o vice rei sustentou o despacho.

Esta inflexibilidade lançou o desgraçado pai na demencia da desesperação.

Em quanto julgou a filha morta soffreu o golpe se não resignado, ao menos sem reluctar, como se soffre um desastre irremediavel. Semelhante a esses soldados a quem o jugo da derrota quebra subitamente os brios, havia-se abraçado com uma afflicção myda e quêda; mas este vergar ao desalento, porque a esperança o desamparara, desapareceu mal tornou a raizar a esperança. Ao quebranto succedeu uma especie de alegria febril que as repulsas do vice rei trocaram em raiva. Absorto na sua dôr, e azedado ao vêr que nada podia, Effendon tomava mil resoluções que logo abandonava, formava mil planos impossiveis, e a todos pedia conselhos inuteis ou soccorros que lhe não podiam dar.

Comtudo, You-hi tinha continuado a tirar informações em segredo, sem poder achar rastos de Maria. Finalmente um dia chegou a casa do feitor muito esbaforido, e com cara alegre.

— «Ergue um altar aos teus genios domesticos, exclamou elle; trago-te novas de tua filha!»

Effendon deu um grito.

— «Onde está ella?» perguntou maravilhado.

— «Em Peking.»

— «Que dizes tu? Maria...»

— «Levaram-n'a de Cantão ha perto d'um mez.»

— «Mas como? Quem? Por onde soubeste?...»

— «Devagar, devagar, disse o china sentando-se e enxugando a testa. Tres perguntas requerem tres respostas.»

— «Mas estás certo, bem certo, que é ella?» replicou Effendon, quasi sem poder respirar.

— «Se é que tu não te enganaste quando a viste na carroagem envernizada.»

— «Não me enganei. Mas quem é o dono da carroagem?»

— «É o que eu tenho andado a indagar ha tres semanas,» lhe tornou o china.

— «E soubeste-o por fim?...»

— «Sube muitas cousas; mas, pelos céus azulados que invoca o nosso soberano imperador, se queres que t'as diga has de ouvir-me.»

— «Falla! falla!» disse o feitor suffocado de impaciencia e alegria.

— «Tu sabes, continuou You-hi, que temos em Peking um tribunal de censores encarregados de advertir o filho do sol quando erra, e de discorrer as provincias para examinarem de que modo governam os mandarins o reino do meio.»

— «Sei.»

— «Pois ha um mez que um d'estes censores se achava em Cantão. Era d'elle a carroagem em que viste tua filha...»

— «Mas como se acha Maria em seu poder?»

— «Ah! é a ponta por onde eu devia ter principiado a historia! retrucou You-hi; e se tu não me tivesses cortado o fio ao discurso...»

— «A final, que aconteceu?»

— «Aconteceu, mister Effendon, que na noite em que desapareceu tua filha foi com effeito apunhalada por assassinos, e depois lançada ao Tigre, como provava o lenço do pescoço que te trouxeram.»

— «E d'ahi?» interrompeu Effendon arquejando.

— «E d'ahi a corrente levou-a pelo pé d'um dos nossos barcos de flôres (1) d'onde foi vista:

— E salvaram-n'a!

— Moribunda, segundo parecia. Valeu-lhe achar-se alli o censor Fo-hu. Quiz que a transportassem para sua casa, onde se curou, pois que a viste pouco tempo depois.»

— «E tu descobriste estas particularidades...»

— No barco de flôres, onde tudo isto aconteceu.» Effendon saltou aos braços de You-hi.

— És o meu salvador, You-hi! exclamou elle fóra de si; dever-te-hei minha filha. Mas como a hei de exigir de quem a agasalhou?»

O negociante china abanou a cabeça.

— «Fo-hu ha de pôr muita difficuldade em t'a restituir, disse elle, porque lhe morreram todos os seus filhos e tem uma avareza insaciavel. Ha de casar tua filha com algum mandarim da côrte, mediante grande somma.»

— «Que dizes? Pedirei justiça ao imperador.»

— «E como lhe has de fazer entregar a tua supplica?»

— «Tens razão, disse Effendon ancioso; se os mandarins servem de medianeiros interceptam-n'a; mas eu não posso fia-la de mãos seguras?... Tu mesmo You-hi, negar-te-hias a leva-la a Peking, se eu te promettesse...»

— «Não promettas nada, acudiu logo o mercador; metter-me eu n'este negocio era deitar-me a perder.»

— «Que me dizes?»

— Já te esqueceu que nos é vedado ter relações com estrangeiros, fóra as do nosso commercio? Não podia encarregar-me da tua reclamação sem mostrar que violára a lei imposta aos homens da dynastia de Han.»

— «Não importa! eu acharei alguém.»

— Ninguém, Effendon, ninguém.

— «Mas que hei de eu então fazer?» exclamou o americano desesperado.

You-hi encolheu os hombros.

— «Contentar-te com saber que tua filha está salva...»

— «Nunca! bradou Effendon. Disse muitas vezes que a vontade podia abalar montanhas; chegou o mo-

mento de o provar. A despeito de todos os obstáculos hei de vêr Maria ou encontrar a morte.

(Continua.)



M. M. B. DU BOCAGE.

O PRINCIPIO do presente seculo viu apagar-se um brilhante meteóro que fulgurou entre os astros da poesia portugueza: no curto espaço da sua apparição deram maior copia de luz que outros em dilatado gyro. Uma vida de trinta e nove annos, decorridos entre 1766 e 1805, assignalou-se por grande numero de composições nos varios generos da poesia lyrica, recebidas avidamente do publico, e applaudidas com tanto enthusiasmo que requintava em frenesi. Nenhum dos nossos vates foi mais popular, nenhum engrinaldou a frente com mais vecejante e farta corôa de louros, do que Manuel Maria Barbosa du Bocage. A natureza o dotára de imaginação viva e de extrema sensibilidade, que transparecem na maioria dos seus versos, filhos d'aquella facilidade e vehemencia de estylo, que derivam da inspiração intima: nasceu poeta, como elle proprio diz:

Das faixas infantis despido apenas
Sentia o sacro fogo arder na mente.

Assim como ha pintores que, apesar de incorrecções no desenho, captivam pelas graças do colorido, Bocage encanta e arrebatá pela viveza das expressões, e pela harmonia do metro. Seja-nos licito dizer que creou uma linguagem sua energica e ao mesmo tempo flexivel a todos os assumptos, distincta não tanto pela abundancia como pela escolha das palavras; a collocação d'estas, raras vezes de muitas syllabas, ajudando a cadencia do rythmo, a propriedade dos epithetos, explicam a complacencia com que declamá-

(1) Barcos ornados de flores, onde ha toda a qualidade de divertimentos. Allí se reúnem os chinas a noite, como nós nas assembléas philarmonicas,

mos os versos d'este poeta; a dicção nas composições eroticas corre fluente, é maviosa; nas satyricas é forte, pungente e até acerba; porém sempre correcta e harmonica a versificação.—Bocage sobresaiu principalmente nos apologos, idyllos, cançonetas, sonetos e outros epigrammas, e também com muito primor no genero elegiaco. Como improvisador, nenhum tivemos de tanta nomeada, nem mais prompto e fecundo; causava assombro aos que o ouviam pela affluencia e variedade das rimas, e pela presteza dos improvisos, que uns a outros se succediam sobre o mesmo assumpto como um torrente copiosa: muitas d'estas composições instantaneas, que os curiosos seus con-

Houve tempo fatal em que arte infensa,
Guerra aos mais bellos sitios declarando,
Enchendo os valles, arrazando os montes,
Formou do chão gentil planicie ingrata.
Hoje, rural tyranno, outro artificio
Quer, por contrario abuso, erguer montanhas,
Valles quer profundar. Longe os excessos,
Longe as lidas e ardis: tudo é baldado
Contra intractaveis repugnantes serros;
E sobre terra igual montinho humilde
Cuida ser picturesco e move a riso.

..... em quadro estreito
Não vás aprisionar montanhas, bosques,
Nem lagos, nem ribeiras. É costume
Zombar d'esses jardins, parodia absurda
Dos rasgos que a atrevida natureza
No seu grande espectaculo derrama;
Jardins em que a arte rude e inverosimil
Um paiz todo n'uma geira encerra.

Enumerar as composições do nosso vate fóra ocioso trabalho, por quanto geralmente são conhecidas, ainda dos indoutos, a ponto que ha muita gente que não sabe de mais de dois poetas, Camões e Bocage; e na verdade, depois do grande epico nacional, nenhum é mais popular e estimado em a nossa terra.

Bocage nasceu em Setubal, patria do auctor do *Afonso Africano*, aos 17 de Setembro de 1766. Teve por pai o bacharel em Direito, José Luiz Soares Barbosa, muito dado á poesia, que versejava com bom gosto, e que serviu com distincção alguns logares da magistratura. Sua mãe foi D. Marianna Joaquina Xavier du Bocage, filha de Gil l'Hedois du Bocage, natural de Cherburgo, que serviu no exercito portuguez com a patente de coronel, e era sobrinho de M.^{me} du Bocage, auctora da Columbiada; d'este poema empreheudeu o nosso vate a traducção, e o começo do seu trabalho anda na collecção das suas rimas.

A educação litteraria de Bocage não foi tão regular e seguida como podia esperar-se da epocha do seu nascimento; com algumas lições da grammatica latina, que lhe ensinou um padre hespanhol, o professor D. João de Medina, e com as noções do idioma francez, que aprendeu na casa paterna, subiu a altura do seu genio á elevação a que não attingem quasi todos os que recebem a pausada e systematica instrucção das aulas. Deveu tudo ao proprio ingenho, á natural perspicacia; aprendeu sem mestre o italiano, e o soube como prova a traducção primorosa do drama de Metastasio — *Atilio Regulo*. — Não sabemos dizer se elle entendia litteralmente os textos que punha em vulgar, parece que adivinhava por instincto os pensamentos e as idéas; e se em materia de bom gosto quizerem averiguar a sua escolha, basta lançar os olhos para os fragmentos que trasladou de auctores selectos. — Não era por certo esta natural tendencia a mais propria para fazer de um

temporaneos guardaram, farão desesperar os que martellam versos no silencio do gabinete.

Foi traductor elegantissimo, e tão conciso quanto o permittiam a fidelidade ao texto e as leis do metro. Sendo facil citar muitos exemplos que mostram a sua pericia n'este genero, apontaremos um só que por acaso temos á mão. É um pequeno trecho contra o detestavel gosto dos jardins ridiculos, ou antes paisagem de presepio e verdadeiros brincos de criança, ainda muito em voga no presenteseculo. Pomos em frente o texto francez do poeta didactico por excellencia, Jacques Delille, para realçar o merecimento da versão.

Il fut un temps funeste ou tourmentant la terre,
Aux sites les plus beaux l'art déclarait la guerre,
Et comblant les vallons, et rasant les coteaux,
D'un sol heureux formait d'insipides plateaux.
Par un contraire abus, l'art, tyran des campagnes,
Aujourd'hui vent créer des vallons, des montagnes.
Évitez ces excès: vos soins infructueux
Vainement combattraient un terrain montueux,
Et dans un sol égal un humble monticule
Veut être pittoresque, et n'est que ridicule.

.....
N'allez pas resserrer dans des cadres étroits
Des rivières, des lacs, des montagnes, des bois.
On rit de ces jardins, absurde parodie
Des traits que jette en grand la nature hardie;
Où l'art, invraisemblable à-la-fois et grossier,
Enferme en un arpent un pays tout entier.

engenho precoce um auctor original; mas se nos permittirem a phrase «originalidade de expressões» ninguém superior a Bocage na basta chusma dos nossos versificadores; porque poetas!!! Rarissimos! Mas Bocage tinha a alma d'um poeta, e ella ahí está viva em versos que não saem do Parnaso lusitano, que não se riscarão da memoria dos amantes da poesia. E demais, é Bocage tão portuguez na linguagem, que o *numeroso Elmano*, como o appellidou Filinto Elysio, ha de a par d'este conservar o seu busto no Capitolio das musas portuguezas, posto que para o conquistar seguisse cada um d'elles diversa vereda. (Continua.)

A ILHA CELEBES — MACASSAR.

(Continuado de pag. 96.)

É SABIDO que uma lei severissima defende a saída das mulheres do *celeste imperio*: penas mui atrozes e horriveis tractos a tornam de tal sorte formidavel, que nem sequer intentam infringi-la; por isso os chinas que se expatriam para as colonias hollandezas não teem mais remedio senão desposarem-se com mulheres malaias; compram-n'as como escravas, e inculcam-lhes as practicas e usos da mãe patria, em que são educados os filhos; os quaes, posto que tenham saído á luz mui arredados da China, são tão afferrados ás idéas e religião em vigor n'aquelle imperio como se n'elle houvessem nascido: a unica differença apparente é a cor da pelle um pouco mais escura. Por isso é de notar que o typo china, tão caracteristico, acha-se assignalado nos troncos d'esta casta: embora mestigos, quando mesmo a geração, por muitas allianças successivas, se cruza com sangue estrangeiro, reconhece-se sempre a physionomia original.

A physionomia dos malaios é a mesma em toda a parte; só differe em gráus minimos. Aqui se acham tambem os bellos cabellos pretos, os olhos contrahidos, as maçãs do rosto largas mas salientes, o rosto achatado, o nariz pequeno, a bocca mui rasgada, os beiços grossos, constantemente semi-abertos e córados pelo çumo do betele (1), deixando vêr uma deforme enfiada de dentes denegridos. Os bouguís teem, demais que as outras raças, uma certa dureza no semblante, mas não se differenciam quanto a feições. O corpo é geralmente bem conformado, mais agil do que robusto, gracioso posto que de altura meã, cheio de carnes, o que parece bem á vista, mas denota mais a nutrição do que a força muscular. O traje dos bouguís é uniforme, consta de ceroulas curtas, de um lenço que cinge a cabeça, e do *sarong*, especie de sacco sem fundo que trazem a tiracollo, e em que se embrulham pela tarde, quando a fresquidão da noite succede aos ardores do dia. Quasi todos trazem o cris á esquerda prezo a um cinturão; ás vezes deixam cair a ponta da tal faxa a tiracollo sobre o punho d'aquella arma, e cruzam as mãos segurando-a com donaire: é-lhes natural esta postura em situação de repouso: é bastante engraçada e picturesca, como em geral todas as suas attitudes do corpo, livre de toda a sujeição. — As mulheres trajam á moda de todas as malaias, isto é, uma saia de muito pouca roda, e uma camisola que tapa o tronco do corpo: algumas ha que desprezam esta camisola, e trazem simplesmente o *sarong* seguro com uma só volta acima ou abaixo do seio. Exclusivamente consagradas ao amanho caseiro, não apparecem a miudo em publico: a physionomia das mulheres de Macassar é em geral repugnante a olhos europeus: o metal da voz, tambem dos homens, tem um tanto de suave, encanta e attrahê a attenção; se porém olhardes para a bocca d'onde sae a melodia, cessa logo o prestigio. Um factó extraordinario entre um povo que professa o mahometanismo, é a facilidade dos costumes das mulheres a respeito dos estrangeiros.

O territorio hollandez de Macassar está encravado nos dominios do sultão de Goá, que reside juncto ao rio do mesmo nome, a tres leguas da cidade; a sua morada nada offerece digno de menção, a sua cõrte é uma aldeia malaia, como todas as mais; e comtudo é supremo cabeça de uma população de cem mil pessoas, que tantos são os subditos que lhe calculam. Posto que independente, é um alliado fiel do governo d'Hollanda, e tem dado muitas provas de devoção aos interesses d'esta potencia. As suas tropas sobem a dez mil homens, todos de cavallo; alguns trazem cotas de malha, elmos, e escudos; todos se servem de lanças, e pouquissimos de armas de fogo. Abundam os cavallos na ilha, e, por sua boa qualidade, são apreciados em todo o archipelago; a marca é pequena, mas são fogosos, e ainda nas longas jornadas sustentam a celeridade do passo.

Os naturaes de Macassar, propensos a uma indolencia que é proverbial, parece terem ganhó pouco no tracto da civilisação mais avantajada, ou só terem adquirido os vicios d'esta. Os chinas os presentearam com as cartas de jogar e o opio, e os europeus com o vinho. São desesperados jogadores; em toda a parte se entregam os malaios a esta paixão, mas em nenhuma tanto como em Macassar: não usam só do baralho, mas tambem dos dados. No bazar ha barracas miseraveis, onde uma turba avida se apinha, até fóra de horas, de redor de um jogo de tres dados. Para formar idéa d'esta scena enojosa,

(1) Herva que de continuo mascam os povos d'estas regiões.

era mister observar os rostos hediondos da plebe, ainda mais desfeados pela expressão da ancia e do temor da perda, allumiados pela claridade vacillante de duas lanternas estropeadas: julgar-se-ha o observador transportado á região infernal, tão atrozes são as physionomias d'aquelles homens, anciosos, arquejantes, e de vez em quando levando a mão aos punhaes, que nunca desamparam.

A embriaguez do opio e do vinho concorre para a bruteza da classe infima; de raro comtudo succedem scenas de assassinios por uso immoderado do opio, como na Java acontece; ou porque haja mais efficacia policia, ou porque seja menos vulgar o abuso d'aquella droga. — É practica habitual do povo tomar a comida á entrada da noite; e com effeito é hora bem escolhida n'uma clima tão calido; até as nove horas gyram entre a multidão os vendedores de bolos de arroz amassados, de ovos cosidos, e de bananas fritas, offercendo os comestiveis por vil preço. A barateza é tal, que uma duzia de galinhas custa uma pezo duro hespanhol, e pelo mesmo preço se alcançam até duzia e meia de patos; e assim mesmo dizia um empregado da administração hollandeza que havia tres annos que tinha triplicado o custo dos provimentos de bocca.

A ilha Celebes é farta de caça, e tambem possui animaes corpulentos; mas não ha que temer os estragos das feras, porque não existem os tigres que em tanta quantidade apparecem em Borneo, e na Java e Sumatra: porém ha crocodilos como praga, que por toda a banda saem ás praias regulando-se á soalheira; para obter um d'elles basta dar algum dinheiro aos indigenas: alguns são monstruosos de tamanho, ha-os de trinta palmos de comprimento desde a ponta da cauda. — Contaram-n'os a respeito d'elles o seguinte caso.

Os crocodilos frequentam a ribeira quasi até o pé da cidade, e por vezes atrevem-se a chegar de noite muito proximo do bazar. N'estas corridas nocturnas um pilhu a geito um menino china desgarrado, e tragou-o de um sorvo. O pai do rapaz adivinhou logo o roubador, e, não duvidando que estivesse perto, iscou um forte anzol ou arpéu com um cão vivo, cujos gritos, ao que dizem, attrahem aquelles vorazes amphibios; assim capturou o inimigo. Viuse então em toda a sua latitude o character china. O pai, todo embebido na vingança, amarrou seguramente a preza á praia, e por tres dias continuos não a largou um instante; com infatigavel perseverança recreava-se em alancear o animal captivo nas partes vulneraveis porém menos perigosas; atormentou-o com tal refinação de crueldade, que a final aborrecia á gente da terra, porque tudo acudia a vêr o espectáculo. Quando o monstro acabou de todo, abriu-o, extrahiu a ossada do filho com minucioso cuidado, enterrou-a, e, no dia seguinte, continuou serenamente a carreira habitual das suas occupações mercantis.

Ha veados em grande quantidade nas vizinhanças de Macassar, e caçam-n'os d'um modo que merece descripto. — A caçada é feita a cavallo; o cavalleiro arma-se de um bambú de nove a doze palmos de comprido, que leva n'uma ponta um ferro de lança, e na outra extremidade um laço corredio de couro. O caçador persegue o veado nas vastas planicies interiores até lhe poder lançar ao pescoço o laço, desembaraça e revira a lança, e o primor da destreza é matar de um jacto. Não é isenta de perigo a caça quando succede atacar o veado o seu antagonista, ou arrasta-lo na carreira para sitio onde não podem seguir os cavallos. Para este exercicio é preciso ser bom cavalleiro, e o fazem com umas sellas muito raras, e sem estribos; o que parece impossivel, posto

que repetidas vezes no-lo affirmaram, é que a correa que prende o veado é amarrada ao freio e não á sella: o homem de per si só não poderia resistir aos esforços do animal perseguido, e parece que o cavallo, puxado d'aquelle modo, oppõe resistencia que embaraça a fuga da victima e lhe accelera a morte.

Outra maneira de apanhar os veados, original tambem, porém menos arriscada, consiste em guardar de anzoos os cachos dos fructos de uma arvore especial da ilha mas alli muito commum, e de que são muito gulosos aquelles animaes, que, erguendo-se sobre os jarretes para os abocarem, ficam prezos pelo anzol: semelhantes ciladas lhes armam á beira dos rios, onde costumam beber. Não concluiremos sem fallar do famigerado oleo de Macassar: com effeito existe, e servem-se d'elle os indigenas, principalmente as mulheres; vende-se por baixo preço, uma rupia quatro frascinhos; mas não tem a transparencia, nem o perfume do que vendem os nossos cabelleiros: é ruivo, espesso, e deita um cheiro forte de carvão de pedra que nada tem de agradável. Extrahem-se das amendoas que produz uma arvore alta e de folhas digitadas, que parecem de nogueira: pizam-n'as em gral, e, depois de enxuta a massa, obtém-se o oleo por meio da fervura em agua; depois o misturam com varios ingredientes que o tornam completo. A arvore chama-se *badó* em lingua malaia.

Em resumo, Macassar apresenta ao estrangeiro o aspecto de uma colonia, mais importante pela sua situação do que pelas suas produções. Actualmente o seu commercio todo consiste no que dá o terreno, arroz, gados, e a pescaria que se exporta. A importação está reduzida a objectos miudos de consumo, chitas, opio, e algumas fazendas de uso dos europeus. Se uma administração mais activa tomasse a direcção d'esta colonia, vêr-se-hia indubitavelmente, dentro de poucos annos, cessar a pirataria de infestar os mares circumdantes, adiantar-se a cultura n'um chão fecundo, desenvolver-se a industria e o commercio, transformando a ilha inteira, e tornando-a a mais florecente possessão hollandeza das Indias, assim como é, quanto á extensão, a mais importante.

O PELOTIQUEIRO INCOMBUSTIVEL.

Em 1809 appareceu em París, e depois na Inglaterra, Italia e na Allemanha, um hespanhol por nome Lionetto, que, pela sua insensibilidade, não só fez pascar o povo, mas tambem os physicos e os chymicos. Brincava com o fogo sem se queimar, e pegava impunemente n'uma barra de ferro em braza e em chumbo derretido, bebia azeite a ferver, &c.

Quando Lionetto esteve em Napoles, chamou a attenção do professor Sementini, que se applicou a estudá-lo. Viu, 1.º que o homem incombustivel puz uma chapa de ferro em braza em cima dos cabellos, e que logo se levantava um vapor espesso e denso; 2.º batia com outro ferro em braza no calcanhar e no bico do pé, e levantava-se d'este um vapor espesso e tão picante que incommodava o olfacto e a vista; 3.º ferrava os dentes n'um ferro quasi em braza sem se queimar; 4.º bebia quasi a terça parte d'uma colher de azeite a ferver; 5.º mergulhava rapidamente as pontas dos dedos em chumbo derretido, e punha um pouco de chumbo sobre a lingua, e depois um ferro em braza. Sementini observou que a lingua de Lionetto estava coberta de uma camada cinzenta. Este chymico, desejoso de descobrir o segredo de Lionetto, tentou diversas experiencias em si mesmo, e copheceu:

1.º Que por meio das fricções com acidos, espe-

cialmente com o acido sulphurico diluido se tornava a pelle insensivel ao calor do ferro em braza.

2.º Uma solução de pedra hume evaporada até ficar esponjosa, e empregada em fricções, fazia ainda melhor effeito. Sementini, depois de haver esfregado com sabão duro as partes do corpo tornadas incombustiveis ou antes insensiveis, e de as ter depois lavado, reconheceu, pondo-lhe em cima uma chapa de ferro em braza, que a insensibilidade augmentára. Decidiu-se então a esfregar de novo com sabão as mesmas partes, e não só o ferro em braza lhe não causou dôr, mas nem os cabellos se lhe queimaram.

3.º Satisfeito com estas pesquisas, esfregou a lingua com sabão duro, e lhe ficou insensivel á acção do ferro em braza.

4.º Pondo sobre a lingua um emboço composto de sabão e d'uma solução saturada de pedra hume, a ferver, o ferro em braza não lhe causou sensação alguma.

5.º O azeite a ferver espalhado pela lingua assim preparada não a queimou; ouvia-se um assobio parecido com o do ferro quando se apaga n'agua; o azeite ficava morno, e podia por conseguinte ser engulido sem perigo.

Estes resultados, obtidos por Sementini, tendem a explicar as experiencias de Lionetto. É evidente que elle preparava a lingua e a pelle por meios analogos. Quanto á experiencia dos cabellos, é certo que antes de lhe passar por cima o ferro em braza os lavava com uma solução analoga á da pedra hume, ou com acido sulphurico. Quanto ao azeite a ferver que engulia, é este phenomeno menos pasmoso para quem observar que, quando elle procurava demonstrar a alta temperatura do azeite, lhe deitava dentro chumbo, que, derretendo-se, absorvia por conseguinte parte do calorico do azeite, do qual derramava depois com ligeireza a quarta parte d'uma colher sobre a lingua, onde esfriava a ponto de poder ser engulido sem lhe fazer mal. A falta de acção do chumbo sobre a lingua assim forrada, resulta tambem do prompto resfriamento. É comtudo provavel que, em vez de chumbo, Lionetto empregasse alguma liga fusivel, tal como a de Darcet.

Não levaremos mais adiante este exame; muitos physicos repetiram com bom resultado estas experiencias. Parece, diz Mr. Julien de Fontenelle no fim d'este artigo, que o hespanhol Lionetto, quando as emprehendeu, teve seu susto de vir algum dia parar á inquisição.

AUGMENTO GRADUAL DE CALOR NAS ENTRANHAS DA TERRA.

CONCLUE-SE das observações de Mr. Arago, repetidas em diversos paizes, que o calor da terra cresce na razão da profundidade, e segue no seu augmento uma marcha regular e constante. Por cada quinze braças de profundidade marca o thermometro mais um gráu; e isto quer se meça a temperatura das minas mais profundas, quer se examine, como fez aquelle distincto physico, a das fontes situadas em profundidades conhecidas.

BENZEDURAS NA RUSSIA.

É GRANDE na Russia, sobre tudo em Moscow e outras cidades interiores, a influencia do clero. As ceremonias religiosas do rito grego, que é o da nação, tem certo cunho de singularidade, e a despeito de certa apparencia de parentesco com o rito romano, não deixa de maravilhar os catholicos. O Sr. Mar-

mier nas « Cartas sobre a Russia » diz : — « Não ha povo que receba mais benções sacerdotaes que o povo russo : tem-n'as para si e os seus alliados, para as casas que habita e as terras que cultiva, para as searas e os gados, para tudo o que faz e tudo o que emprehende. Todos os annos, a 6 d'agosto, estão as igrejas cheias de peras e maçãs para os padres as benzerem ; antes d'esse dia nenhum verdadeiro fiel ousaria comer um pomo. Apenas finda a cerimonia religiosa, toda a gente se arremeça ás cestas rociadas de agua benta : todos saem de algibeiras e mãos cheias, saboreando e devorando os fructos consagrados. Não é a sensualidade grosseira que anima aquella multidão, não é homenagem que tribute á divindade pagã, Pomona ; é um sentimento de piedade e fé de que está possuida. A 6 de janeiro benzem-se os rios e ribeiros : o padre encaminha-se para as margens com grande pompa, manda fazer um furo no gelo, e por ahi mergulha tres vezes uma cruz, rezando certas orações : logo as mulheres acodem com vasos e baldes para tomar d'aquella agua abençoada, os homens a disputam entre si e bebem-n'a a grandes tragos : cresce o tropel, dão-se encontrões, e arrebatam uns aos outros os copos e frascos : é uma balburdia por algumas horas, uma lucta entre a força e a destreza, entre a audacia e a astucia. Um artificial chafariz de vinho a correr n'uma de nossas praças publicas, em dia de festa nacional, não causaria mais rumor. — Esta mesma igreja, que abençoa tantas cousas, tambem tem suas horas de maldicção. Ha um dia do anno, em o qual, na cathedral de S. Petersburgo e em meio de numerosa assembléa, o cantor da sé que tem voz mais retumbante pronuncia alternadamente o nome dos hereges mais celebres, e os nomes dos homens que teem causado sedicções e desordens no imperio russo : por exemplo, de Boris Gonodoff que usurpou o throno dos czares, de Mazzeppa, intrepido caudilho dos cossacos, de Pugatscheff que se inculcou por Pedro III etc. , e a cada nome fulmina com o brado *anathema*, que estruge as abobadas do templo. N'esse dia a igreja está toda brilhante de lumes e inundada de incenso, como em festa solemne, e o metropolitano no altar, revestido como em ceremonias augustas. Um coro de meninos repete em tom sentido e melodioso a palavra *anathema*. »

PENAS DOS EMPREGADOS VENAES EM PORTUGAL
E NA CHINA.

A NOSSA Ordenação no liv. 5.^o tit. LXXI, ha muito tempo em desuso, prohibe aos desembargadores, julgadores, officiaes de justiça e fazenda, e aos da governança das cidades, villas e logares o receberem dadas ou presentes de pessoa alguma, ainda que com elles não traga requerimento de despacho, sob pena de perderem os officios e pagarem vinte por um do que receberem ; e reputando mais criminosa a acção de dar que a de receber, manda que quem der perca toda a sua fazenda, qualquer officio ou cargo que tiver, e o mantimento que receber d'elrei, e seja degradado cinco annos para Africa.

« E trazendo feitos perante os dictos julgadores e desembargadores e mais officiaes acima dictos, ou requerendo desembargo ou despacho, e recebendo qualquer cousa d'aquelle que assim trouxer ou requerer, ou de outros que lh'o der por elle, sendo cadaum de todos os sobredictos officiaes, official que tenha officio de julgar, perca para a nossa casa todos os seus bens e o officio que de nós tiver. E se a peita passar de cruzado ou sua valia, além das sobredictas penas será degradado para todo o sempre pa-

ra o Brasil. E sendo de cruzado, e d'ahi para baixo, será degradado cinco annos para Africa. E sendo a peita da valia de dois marcos de prata, ou d'ahi para cima, além do perdimento da fazenda, morrerá morte natural. »

« E sendo o que recebeu a peita official que não tenha officio de julgar, e a receber trazendo perante elle, ou requerendo qualquer despacho, além de perder o officio pagará trinta por um do que receber, ametade para quem o accusar, e a outra para nossa camara. »

No imperio celeste os que se atrevem a conculcar os mais sagrados deveres, vendendo as vidas, honra, e fazenda de seus concidadãos, são punidos por uma escala de multas, bastonadas e degredo.

« Se o empregado civil, ou militar, no exercicio do seu emprego, commetter delicto que mereça pena corporal, diz o Sr. José Ignacio de Andrade nas suas inestimaveis *Cartas da India e China*, será commutada em diminuição nos grãos da sua ordem, em multa ou degredo, segundo o numero das bastonadas correspondentes ao delicto. Dez bastonadas equivalem ao salario de um mez ; vinte ao de dois mezes ; trinta ao de tres ; quarenta ao de seis ; cincoenta ao de nove ; sessenta ao salario de um anno ; setenta á degradação de uma ordem ; oitenta á de duas ; noventa á de tres ; cem á de quatro ordens e perdimento do emprego. Além das penas mencionadas teem degredos relativos ao numero das bastonadas, segundo a especie e o gráo do delicto, por um mez, dois, tres, etc. ; até por toda a vida, como verá na tabella seguinte. »

« Qualquer funcionario publico, que receber presentes ou ajustar recebe-los, para fazer um acto legal ou illegal, será punido em virtude da lei applicada a taes crimes.

Tabella das punições quando o acto é legal.

Valor em onças de prata.	Bastonadas.	Degredos.
1	60	
2 a 12	70	
20	80	
30	90	
40	100	
50	60	1 anno
60	70	1 ½ "
70	80	2 "
80	90	2 ½ "
90	100	3 "
100	100	por toda a vida.

« Sendo o acto illegal a pena é maior. »

« Ha outra lei singular que inflige pena de morte a qualquer individuo que requerer titulos honrosos ao imperador, não sendo ja distincto por serviços prestados á nação. »

Já que fallámos nas Cartas do Sr. José Ignacio de Andrade, cumpre-nos declarar que são um thesouro de noticias das cousas da China : absorvem toda a attenção do leitor, recreando e instruindo ; revindicam a honra do nome portuguez, e desmentem as calumnias propagadas por escriptores estrangeiros invejosos da nossa gloria. O auctor não se faz menos digno de elogios pela sua vasta erudição, apurado gosto, e recto juizo, do que pelo amor da patria que vivifica toda esta producção litteraria. Desejamos que a nova edição que se prepara das Cartas do Sr. Andrade vulgarise a sua leitura quanto ellas o merecem, visto que a primeira, feita com esmero que honra a typographia portugueza, só chegou como do-nativo aos amigos do seu desinteressado auctor.